

## A ESCRITA COMO REQUISITO PARA A EXISTÊNCIA: REVISITADO

JAQUISSOM AGUIAR GUIMARÃES

Discente de Filosofia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

jaquissomgm@gmail.com

**RESUMO:** O objetivo maior deste trabalho é abordar a questão da escrita e suas implicações no contexto atual. A maior parte dos homens escreve. Partimos da ideia de que para escrever o requisito principal é viver. O ato de escrever não se limita somente a registrar em folhas de papel em branco. Do ponto de vista tomado aqui, a escrita se consiste na composição da própria existência em sua singularidade. A ideia de exigir uma sociedade padronizada leva-nos a produzir uma escrita superficial. Esta é abordada e atinge um indivíduo enquanto número ou massa, ou seja, como um sujeito contemplado em um sistema. Entretanto, ela não consegue atingir o sujeito enquanto pessoa, enquanto singularidade que está deixando de ser para tornar-se um si mesmo. A ética seria a maneira mais original de escrever como testemunho de si a própria narrativa, a própria existência. Assim, esse trabalho distingue escrita e linguagem, considerando a última como “instrumento” que transpassa a vida inteira do homem, a qual está ideologicamente sobrecarregada e castra a energia e a criatividade do homem enquanto ser capaz de elaborar-se a si mesmo passando de um eu-todo mundo para um si mesmo singular.

**Palavras-chave:** Aprendizado, Educação, Escrita, Linguagem, existência.

### 1 Introdução

Existem aqueles que fazem a leitura pessoal de sua vida, são os que são capazes de reconhecer os outros em suas respectivas alteridades e, portanto, são capazes de se reconhecer. Viver é uma condição para aqueles que se submetem a reescrever um mesmo texto, como uma cópia de uma história passada, sabe ler, mas somente de modo instantâneo e superficial, pois são incapazes de uma leitura internalizada ou de presenciar e validar outras realidades, pois não reconhecem

quem são porque permanecem na massa indiferenciada da multidão, comportando-se apenas como um número a mais no rebanho como sentença Kierkegaard em *A Doença Mortal* (1976).

Sempre é possível escrever algo novo, mas isso, para os sujeitos que se submetem ao sistema, acarretaria em algo inadequado, prejudicial... Desta forma, a maioria prefere ficar preso às regras, aos conceitos úteis e fórmulas. O controle social também se faz mediante a escrita e a linguagem. O indivíduo que escreve da sua forma não se enquadra na sociedade, pois esta se torna uma biblioteca onde todos os livros devem ser idênticos. Desta forma o texto se torna eterno, pois a história nunca morre, somente os personagens que se modificam. Até um deles desejar fazer uma leitura diferente, desta vez, não mais baseada em outra história, mas tentar retomar e recuperar à sua própria vida como é a tese discutida na obra “A Repetição”.

Tendo como referência o escritor Kierkegaard (1813-1855), que se dedicou a avaliar seu próprio papel como escritor, na procura de reconhecer suas práticas escritas e quais as estratégias eram possíveis usar para atingir o “seu leitor”, mediante a comunicação direta e indireta, e também em Clarice Lispector, percutindo sobre sua própria forma de escrever, com bastante clareza sobre o que se passava e principalmente o que se sentia. A leitura certamente é um dos caminhos para se aprender a viver, enquanto a escrita é o rascunho do que se vive ou o rascunho do que se prepara, se analisa, se planeja para viver.

Não escrevemos com a intenção de construir um texto erudito, escrevemos com a razão, com o tutano dos ossos, com os sentimentos como costuma sentenciar Miguel de Unamuno, considerado por ele mesmo, irmão de Kierkegaard, escrevemos com o sangue que nos faz existir, como propõe Kierkegaard ao seu leitor. Não escrevemos para sermos lido, mas, primeiramente para permitir e preparar um terreno onde nós podemos encontrar a nós mesmos, , desta forma, não vivemos para escrever, mas escrevemos para viver, pois a escrita nos revela e nos mostra quem somos. Logo o escritor não deve procurar primeiramente fazer sua escrita, mas sua vida, pois esta é a sua referência.

Pois como afirma Kierkegaard, somente o testemunho leva à mudança, e, portanto, a palavra escrita sem vivência não contém nenhum significado, logo, não devemos escrever para o outro, mas para o si mesmo. Não devemos procurar formar a ninguém, pois isso acorrentaria numa imposição, mas primeiramente

elaborar a mim mesmo, isto é educar e isto é também formar, somente desta forma conseguiremos informar (deixar atento) verdadeiramente a todos. Não foi essa a principal tática de Kierkegaard?

## 2 A hora do parto

Quando um bebê nasce é impossibilitado de escrever algo novo, contudo seus pais começam a escrever por ele, define a roupa que deve utilizar, os brinquedos com os quais deve brincar. Caso seja menina, utiliza rosa, boneca, casinha... Enquanto os meninos recebe o contrário disso tudo para legitimar o princípio da identidade que é exterior, princípio que condiciona a uma exterioridade. Crescemos, então, é dito o que devemos fazer, com quem devemos andar, onde devemos e não devemos pisar... Como um jogo de palavras que não precisamos descobrir quais preencher, pois todas as palavras já veem estampadas ao lado. Logo não aprendemos a jogar, não descobrimos como existir. Nesse contexto a existência não é nossa, não se trata de construir “a minha existência” mas preencher as lacunas exigidas pelo exterior para viver segundo as exigências do meio. Vive-se para o outro, morre-se para si mesmo.

A existência do Indivíduo singular é, então, convertida em meros sujeitos, passivos à projeção da cultura e da sociedade, e por isso, muitas vezes perfeita, porque padronizada, subjetivada numa massa uniforme e indiferenciada, todos são iguais. Desta forma não há uma construção de uma subjetividade autêntica, de uma escolha partindo do si mesmo, contudo uma obrigação, e, portanto não se trata mais de uma verdade, pois como dita Kierkegaard, “a verdade é a transformação do sujeito em si mesmo”, dada pela relação de pessoas modelos e não propriamente estética.

O homem, então, faz a leitura da sociedade, mas a sociedade talvez nunca faça a leitura do homem, pois o rebanho está preso as suas regras e verdades prontas. Assim, o humano enxerga o sistema, mas uma sociedade pragmática somente ver o homo sapiens, pois seus conceitos e termos só nos distanciam de quem somos.

A linguagem então cumpre um papel de vilão. Quando se passa a definir o outro por seus termos pejorativos, classificando os corretos dos inadequados, o

doente, o mal... Escolhendo os que mais se adequam e se assemelham com o seu meio social, desconsiderando o que é o humano, desta forma, não há um encontro pessoal de si mesmo com o outro, somente do coletivo com o outro anônimo. É muito sensata a tese exposta por Kierkegaard na obra *A dialética da comunicação ética e ético-religiosa* quando afirma que “vivemos na idade de ouro da tagarelice e da conversa fiada, tudo é comunicação, mas se quer realmente nada se comunica” (KIERKEGAARD, 1979, p. 74). Nossa época é a época da desonestidade em que através da comunicação os homens esqueceram o que efetivamente significa existir e vivem um eterno baile de máscaras como também é descrito no número da Revista O Instante.

No meio da turba indiferenciada, então enxergamos os traços do outro e desejamos ser escritos da mesma forma, porque o modelo padrão não somente conforta como também alegra e ocupa. Já não há mais indivíduo singular, pois se colocar como seres incompletos com desejos, erros e sentimentos seria um retrocesso, uma negação de si na ótica do sistema dominante, seria uma fraqueza do eu. A ciência então informa às verdades absolutas e o outro também dita o que deve ser escrito e vice-versa. Mas nada preenche, pois quando o outro erra se torna inútil, inadequado, falsos filhos de Deus cadentes e doentes, esse deus da ciência! Simplesmente nos esquecemos, o que somos? Desconstruir é preciso!

O parto é completo quando o recém-nascido deixa de receber os nutrientes prontos, quando é cortado o cordão umbilical, os cuidados continuam sendo necessários, mas desta vez a vida da mãe já não está ligada à do filho, são pessoas distintas e separadas.

A negação da submissão se resume como uma afirmação da própria existência. Já não é o que devo querer ótica do outro, mas o que eu quero fazer com as minhas escolhas para deixar de viver e existir enquanto linguagem que se comunica e que se doa, isto é, enquanto testemunho entre o que se diz e o que se faz. A linguagem se oferece então como vontade criadora. Agora não mais propriamente um ser sem ser, isto é, limitado aos reflexos, vivendo as projeções, desta vez alguém real, assim um nova escrita se faz.

Não se trata de um caminho fácil, a liberdade conduz à angústia e a angústia dimensiona a grandeza do homem, logo liberdade e a angústia se relacionam. Na obra *O conceito de Angústia* Kierkegaard estabelece através do pseudônimo Vigilius Haufniensis “que quanto mais original é um homem, tanto

mais profunda será sua angústia” (KIERKGAARD, 2010, p. 57) o que nos permite afirmar que a angústia é a instância que avalia a qualidade do homem, por isso a sentença exposta pelo pensador que “a angústia é uma expressão de perfeição da natureza humana” (KIERKEGARD, 2010, p. 78)

Nesse sentido o diálogo com Ribeiro dos Santos é significativo para corroborar nossa tese,. A angústia é uma característica do homem, porque: 708BÉ uma empresa de incerteza e insegurança, de temor e tremor, de desespero e angústia, mesmo que em um estado de inocência ou ignorância, essa seja, apenas, possibilidade. Somente o homem pode angustiar-se porque é espírito ou possibilidade. Segundo Kierkegaard, não encontramos angústia no animal, porque este em sua naturalidade não está determinado como espírito (SANTOS. 2010, p. 09).

É preciso despertar a vontade para que ela se disponha a construir à consciência. Desta forma, não alimentamos das verdades dos nossos pais, da cultura ou da sociedade, contudo realizamos o parto, pois já somos capazes de conseguir nosso próprio alimento, como dizia Clarice Lispector (1998) “Ocorreu-me de repente que não é preciso ter ordem para viver. Não há padrão a seguir e nem há o próprio padrão: nasço” (LISPECTOR, 1998, 37).

Desta vez não se trata de escrever o que tenho, mas o que quero. E muitas pessoas são discriminadas por não falar o português corretamente, contudo, quem está mais existindo? A escola então cumpre um papel de ensinar a escrever, de modo que desperte a criatividade e o desenvolvimento pessoal do aluno, ou está presa somente a regras e estruturas gramaticais?

Nunca posso de modo algum impor a alguém uma opinião, uma convicção, uma crença; mas posso uma coisa, num sentido a primeira (porque ela condiciona a seguinte: a aceitação da opinião, da convicção, da crença), e, num outro, a última, se não quer a continuação: posso obrigá-lo a torna-se atento. (KIERKEGAARD, 1859, p. 45) 712

A escrita deve ser então encarada como algo livre, a “minha razão” não deve ser baseada na razão do outro, descontruindo seres marionetes. Contudo deve ser ocasião para ajudar o outro a escrever a sua história, neste sentido, se faz necessário se humilhar para ir ao encontro do próximo, pois isto, quando exercido de modo correto se transforma em auxílio, passo para a existência. O que parece ser extraordinário na proposta kierkegaardiana até onde podemos avançar na

leitura desse pensador, é exatamente a humildade presente em seus pseudônimos, Kierkegaard parece sair de cena, para deixar que o diálogo aconteça entre a obra e o leitor. Esconderijo estratégico, metódico, intencional? O que se propõe é que o diálogo não seja uma imposição conforme podemos constatar na citação abaixo.

Mas todo o auxílio verdadeiro começa por uma humilhação: para ó' proporcionar, há primeiro que humilhar-se' perante aquele que queremos ajudar, e, compreender assim que ajudar não é dominar, mas servir, que ajudar não é mostrar uma extrema ambição, mas uma extrema paciência, que ajudar é aceitar provisoriamente estar errado e ser ignorante nas coisas que o antagonista compreende. (KIERKEGAARD. 1859, p. 41). Ser ocasião da escrita do outro não é querer se tornar o outro, ou nele se basear, mas se perder, com o intuito de ser ponte para o outro também se encontrar. Em outros termos, é amar.

### 3 Palavras em braille

Muitos escrevem de modo superficial e instantâneo, pois desconhecem o significado real e a grandiosidade das palavras. Desta forma, sabem pronunciar e desenhar as letras, mas desconhecem como viver a leitura, como se fazer leitura para que o outro leia em mim, leia a mim como um testemunho vivo da palavra e do sentido. Isto é, sabe o significado da palavra, mas de modo mecânico pelo dicionário, pois não experimentou o sentido real, isto é, estar preso a uma definição lógica e científica, que o acaba afastando dos sentimentos, do que verdadeiramente somos. Pois sua leitura é baseada na outra, desta forma, em nenhum reflexo haverá uma profundidade, e, portanto, não há um desenvolvimento pessoal e singular da própria consciência. O estético, logo, se perde, pois este se universaliza.

As palavras adentram numa nova conotação, desta vez mão mais lidas e copiadas, contudo enxergadas e experimentadas. Somente desta forma encontramos o verdadeiro significado, sem outra referência além de si mesmo. Tinha que existir uma pintura totalmente livre da dependência da figura – o objeto – que, como a música, não ilustra coisa alguma, não conta uma história e não lança um mito. Tal pintura contenta-se em evocar os reinos incomunicáveis do espírito, onde o sonho se torna pensamento, onde o traço se torna existência. Michel

Seuphor. (LISPECTOR. 1998, p. 05) Desta forma, a existência de um filósofo não é dada por uma escrita filosófica, mas poética. Pois como revela Sócrates apud Cicero (2012) “a verdadeira filosofia está escrita na alma do filósofo, e não nos livros” (p. 47). e ainda “o poema não inscreve com ideias, mas sim com palavras” (p. 48), e estas com sentidos experimentados, e não dados por dicionário.

Nisso difere uma poesia de um texto filosófico, enquanto a poesia tem por finalidade a si mesma, sem necessidade de grafia, estrutura formal ou pretensão, o texto filosófico por sua vez, dado através de argumentos e proposições, tem a intenção de retratar uma verdade, enquanto a poesia é a própria verdade (cf. CICERO, 2012, p.).

Assim, mais ou menos assim, como completa Pablo Neruda (1971) “Não sei se aquilo o vivi ou escrevi, não sei se foram verdade ou poesia, transição ou eternidade, os versos que experimentei naquele momento, as experiências que cantei mais tarde”. Ou como sugere Clarice (1998), que não se importava aos gêneros textuais, pois não se limitava a uma escrita para ser lida, mas para ser experimentada; “O que estou te escrevendo não é para se ler - é para ser”, afirmou em *Água Viva* (1998, p. 44).

#### 4 Conclusão

Somos como um livro, que próprio nos escreve e nos forma. Os órgãos serão as páginas, os tecidos as palavras, as células as letras, e cada núcleo os sentimentos, as verdades que partem de nós. Como recomenda Clarice, engolindo a própria Placenta. Todos escrevem! Viver é o requisito para escrever. Escrevemos quando escolhemos, mas também quando deixamos de escolher, pois isto também é uma escolha, mas é quando deixamos de existir, submetendo as verdades do outro.

Se perder também é se encontrar, isto é, se faz necessário abandonar a realidade vivida, se humilhar, para ir ao encontro do outro, pois somente o outro me revela e mostra quem sou. Contudo, ser ético não é ser vários, ao contrário, é ser um, desta forma a multidão não está para o eu, somente o eu é possível estar para a multidão. Pois o Eu é capaz de gerar uma multidão, mas a multidão não desenvolve o Eu.

O Eu só não é capaz de escrever o outro, pois isso acorrentaria numa projeção, uma ideologia imposta e não a construção de uma identidade, contudo deve ser ocasião. E escrevemos uma poesia, onde nela passamos a viver, sendo a essência, algo muito além da vida, revelando nossa própria existência. A escrita ela que nos converte e nos muda, o caminho que nos leva a existir.

### Referências

LISPECTOR, C. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

KIERKEGAARD, S. **Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor**. Lisboa-Portugal: Orante, 1986.

\_\_\_\_\_. **O conceito de angústia**. Petrópolis, RJ; Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Scritti sulla comunicazione**. Roma: Edizione Logos, 1979.

SANTOS, R. R. dos. **O conceito de angústia na obra homônima de Søren Aabye Kierkegaard**. [Dissertação de mestrado em Filosofia]. Programa de Pós-Graduação em Filosofia, FSB, São Paulo, 2010.

CICERO, A. **Poesia e Filosofia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

NERUDA, P. **Nasci para Nascer” (Discurso na entrega do Prémio Nobel)**. 1971. Disponível em <<http://www.citador.pt/textos/a-essencia-da-poesia-pablo-neruda>> Acesso em 26/09/2012, às 5:30.

